

TIA RAFAELA

Davi Castro

TIA RAFAELA

Davi Castro



© 2010 Davi Castro

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de Arte
Fernanda Pedroni

Projeto Gráfico
Ana Miadaira

Diagramação
Kiki Millan

Colaboração
Edison Veiga

Preparação
Maria Sylvia Corrêa

Revisão
Jane Pessoa
Márcia Abreu
Carmen T. S. Costa

Impressão
Bartira Gráfica e editora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Castro, Davi
Tia Rafaela / Davi Castro. - São Paulo : Panda Books, 2010.

ISBN 978-85-7888-040-8

1. Castro, Davi. 2. Homens - Brasil - Biografia. 3. Pedofilia. 4. Crime sexual contra crianças. 5. Crianças e violência. I. Título.

09-6036

CDD: 920.71

CDU: 929-055.1

2010

Todos os direitos reservados à
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

*Dedico este livro, em especial, a todas as crianças,
pois acredito verdadeiramente que há de chegar o
dia em que elas serão respeitadas e cuidadas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às valiosas amizades que me ajudaram a chegar aonde cheguei, o carinho não desperdiçado, os abraços e as palavras de esperança.

Agradeço à minha avó pelos conselhos de vida, à minha família pelo apoio, ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã e ao meu irmão, sem me esquecer do “Tchu”, que a cada dia me ensina a acreditar que é possível realizar sonhos.

Ao dr. Alessandro Cyrino, grande advogado e amigo.

Ao humorista Carlos Nunes, que um dia acreditou na minha competência e me ensinou tudo que sei sobre teatro e produção.

A você, meu amigo, devo muito. E o mínimo que posso fazer é agradecer a oportunidade que me deu.

Muito obrigado a todos que contribuíram para a realização deste sonho. E, antes de qualquer coisa, agradeço a Deus.

Obrigado, filho.

NOTA PRELIMINAR

Pedofilia. P-e-d-o-f-i-l-i-a. PEDOFILIA.

Não gosto nem de sentir essa palavra passeando pelos meus lábios. Como pode existir algo assim? Invariavelmente me pergunto. E de tanto me perguntar, concluo que o problema não é a palavra, mas tudo o que ela representa para mim.

Quando se fala em pedofilia, é comum imaginarmos sites pornográficos que exploram fotos infantis, casos absurdos de padres que abusam sexualmente de crianças, histórias de pais que molestam suas filhas. Em geral, o homem está no papel do doente, do criminoso.

O meu livro trata de um caso de pedofilia protagonizado por uma mulher.

Atualmente, a pedofilia é definida como doença, distúrbio psicológico e desvio sexual. É caracterizada pela atração sexual de adultos ou adolescentes por crianças. Não é preciso, portanto, que ocorra relação sexual para haver pedofilia: o simples desejo já caracterizaria a doença.

Em 1996, um caso chocou a população da cidade de Belo Horizonte (MG). O cenário: uma pequena escola situada no bairro de Santa Tereza, na rua Pouso Alegre. Os personagens: uma professora de educação física de 26 anos e um menino, seu aluno, de 13. O fato: ela era acusada de abusar sexualmente dele havia pelo menos dois anos, conforme reportagem estampada na capa do jornal *Hoje em Dia*. Reportagem, aliás, que ia além. Não se limitava a tornar público que a professora mantinha relações sexuais com o menino; afirmava também que ela havia acabado de dar à luz um filho, supostamente do garoto.

Onde estavam a mãe e o pai desse menino? Sua família não percebeu o que acontecia em sua vida? Até que ponto um pedófilo é capaz de influenciar as decisões de uma criança? Um menino de 11 anos tem consciência de seus próprios desejos? Sabe medir as consequências?

Enfim, foram inúmeras as perguntas que me fiz. Depois de ter vivido oito anos com minha professora de educação física.

PRÓLOGO

O Requerente e a Requerida se relacionaram sexualmente desde junho do ano de 1994, quando o Requerente contava apenas com 11 anos de idade e a Requerida, com 24. Relação esta, fonte de grande polêmica na época e até hoje.

Em 22/12/1995, nasceu um bebê, fruto da relação entre o Requerente e a Requerida.

Na época a Requerida registrou como sendo pai da criança o ora seu ex-marido, dando a ele o sobrenome do mesmo, pois na data do nascimento o Requerente contava com apenas 13 anos de idade. Se tivesse sido registrado em nome do

Requerente estaria patente e provada a ocorrência do crime de pedofilia e abuso sexual de menor.

Minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha cinco anos de idade. Fomos morar em Itaoca, praia de Itapemirim (ES), onde vivemos durante cinco anos. Quando retornamos para Belo Horizonte, voltei a ter contato com meu pai – mas, admito, eu o via como um estranho, alguém distante. Havia me acostumado a ter somente minha mãe e minha irmã ao lado.

Lembro-me com detalhes do meu décimo aniversário, em 1992. Minha mãe organizou uma festa surpresa. O dia 15 de setembro cairia numa terça-feira, mas ela resolveu antecipar a comemoração para sexta. Voltava da escola com alguns amigos, brincando de pega-pega. Ao chegar em casa, não acreditei no que via:

- Parabéns pra você, nesta data querida...
- Mãe, meu aniversário nem é hoje!
- Surpresa!

E seus olhos brilhavam bonitos de tanta felicidade. Mostrou-me tudo: brigadeiro, cajuzinhos, gelatina... O bolo, então, de dar água na boca, com cobertura de chocolate e jujubas. E lá estavam minha avó, minha irmã, meus tios e primos. A festa ficou completa com a chegada de meus amigos da escola.

Lembro-me da lua iluminando o quintal, do céu estrelado, do barulho da brasa na churrasqueira fazendo um fundinho para a música da festa, o cheiro da carne ao ponto. Lembro-me que quando corria, brincando com os amigos, fui agarrado pela minha avó, que queria me dar um beijo. Seu perfume era ines-

quecível. Tinha cheiro de rosas frescas, daquelas que acabam de chegar à floricultura, ainda úmidas pelo sereno. Um abraço gostoso, aconchegante. Queria que todas aquelas sensações nunca tivessem acabado. Mesmo com pouco dinheiro, minha mãe me fez muito feliz.

Na hora de apagar as velinhas, assoprei-as junto com minha mãe e minha irmã. Cortei o bolo fazendo apenas um desejo, sincero como só uma criança consegue: que o tempo parasse naquele instante de tanta alegria, para que nós três jamais nos separássemos.

Fevereiro de 1996. Eu tomava um lanche na casa da tia Rafaela quando o interfone tocou:

— A senhora Rafaela se encontra?

— Quem gostaria? – perguntei.

— É do jornal *Hoje em Dia*.

Não entendi por que tia Rafaela ficou tão assustada e inventou a desculpa de que estava no banho. Fui com Marcelo atender à porta. O jornalista perguntou meu nome.

— Davi – disse.

O jornalista pediu para entrar, garantindo que não iria incomodar, que seriam somente algumas perguntas, coisa rápida, poucos minutos. De câmera em punho, o fotógrafo foi repreendido pelo Marcelo:

— Nada de fotos!

Alto e forte, Marcelo sabia como intimidar as pessoas. E eu ficava admirado de como ele sempre protegia tia Rafaela. Mas depois pensava: “Não faz sentido. Por que ele cuida tão bem da esposa que o traiu?”.

O jornalista já fazia suas perguntas – das quais não me lembro muito bem – quando tia Rafaela entrou na sala, descalça. Ela respondeu tudo o que lhe foi perguntado, com segurança e calma.

Após a entrevista, liguei para meu pai, avisando-o de que iria dormir na casa da tia Rafaela. Ele deixou, mas me recomendou cuidado. E que aquilo ficasse entre nós...

— ... porque se sua mãe descobre, rapaz, estou encrencado!

No dia seguinte, quando cheguei à escola, fiquei assustado. Todo mundo me abordava com um jornal na mão, disparando perguntas estranhas. A diretora me tirou do meio da confusão e me levou para a sala dos professores. Pediram que eu tivesse calma e me mostraram o jornal *Hoje em Dia*. Li palavras que nem entendia direito:

“PROFESSORA É ACUSADA DE SEDUZIR MENOR.”

“PROFESSORA É ACUSADA DE ABUSO SEXUAL.”

“MESTRA CONFESSA A SUA PAIXÃO.”

Minha irmã e eu fomos deixados por minha mãe em frente à casa do meu pai em fevereiro de 1993. Após perder o emprego, ela estava na delicada situação de não mais conseguir pagar o aluguel e andava desesperada porque começava a faltar comida em casa. Resumindo: minha mãe não dava mais conta de tudo sozinha. Apareceu uma oportunidade de trabalho em Florianópolis (SC) e ela, então, decidiu nos deixar com meu pai.

A casa dele era um universo estranho para mim. Apeguei-me mais ainda a minha irmã, com medo de que ela também me deixasse. Pouco tempo depois, para minha tristeza e desespero, ela também partiria.

Aos 12 anos, decidi voltar ao litoral do Espírito Santo, para morar com nossa avó.

— Me leva também! – pedi choroso.

— Não dá, querido. A vovó já é muito velhinha e não tem condições de cuidar de dois netos. Eu já estou maior e posso ajudá-la.

Naquele dia prometi a mim mesmo que jamais sofreria por qualquer outro abandono. O tempo que se passava era cruel: sentia saudades até de nossas brigas. Ela era minha única companhia de verdade.

Mais que simples, a casa do meu pai era desconfortável. Ele vivia em um quarto minúsculo, sem fogão, geladeira, mesa ou cadeira. O cômodo era pequeno demais, mal cabia uma cama dentro dele. O banheiro era comunitário, dividíamos com moradores dos barracões vizinhos. Aquilo nem era uma casa. Não podia ser. Por isso eu preferia ficar o maior tempo possível na rua.

Eu estava matriculado numa escola no bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte. Escola Estadual Sandoval de Azevedo. Lá começariam os anos mais conturbados de minha vida.

Assim como toda criança em seu primeiro dia de aula, senti medo. Não conhecia ninguém. Será que meus amigos seriam legais? Será que iria me dar bem com os professores?

Pensava nisso quando, subindo a escada principal, deparei com uma garota linda, cabelos longos e loiros, quase da minha altura – na época, eu media menos de 1 metro e meio.

— Sabe onde fica a sala da 2ª série? – perguntei a ela. (Eu ficava meio constrangido em assumir que estava na 2ª série porque era visivelmente mais velho; já tinha repetido de ano três vezes.)

— Siga em direção ao pátio, desça à esquerda e passe pela secretaria. É a sala 17, pertinho do bebedouro.

Segui suas instruções, pensando como ela era uma menina bonita. Tão bonita que ficou na minha cabeça durante a aula. Passei todo o recreio procurando-a. E nada.

Na volta do intervalo, a orientação era para que fôssemos ao pátio, já que teríamos aula de educação física. Para minha surpresa, a garota que havia me encantado estava lá. E me olhou. Será que esperava por mim?

A surpresa virou susto quando descobri que ela não era uma aluna como todos nós. Com seu jeitão de menina, shortinho de *Lycra* e camiseta branca com estampa do Piu-Piu, ela tinha um corpo de chamar a atenção. Era a professora de educação física.

— Meu nome é Rafaela. Mas pode me chamar de tia Rafaela.

Gostei do meu primeiro dia de aula. E foi o que eu disse quando Eliete, mulher do meu pai, me perguntou, assim que cheguei em casa.

Eliete era legal, cuidava bem de mim e carregava sempre um sorriso no rosto. Tinha o hábito de ouvir canções evangélicas, justificando que aquilo a edificava. Naquela época, eu nem sabia o que significava edificar, mas deixava por isso mesmo.

No dia seguinte houve uma festinha na escola, com a participação de todos os professores e alunos. Foi uma farra. Quando encontrei tia Rafaela, fiquei brincando com ela, puxando sua roupa e mexendo em seus cabelos. Mais tarde, depois do corre-corre, ela puxou assunto, quis saber da minha família, e eu lhe contei sobre a ausência de minha mãe e minha irmã e como eu não gostava da casa do meu pai.

— Me sinto muito sozinho – disse, cabisbaixo.

Ela me abraçou forte.

— Você é um garoto muito especial, Davi. Vamos ser grandes amigos, confie em mim. Sempre que quiser, pode me contar suas angústias, combinado?

Eu concordei.

Com o passar dos meses, fui tendo muitos amigos na escola. Já fazia parte da turma, não era mais o menino que veio de fora. Foi então que comecei a me interessar por uma menina de minha sala. Rayana era seu nome.

Rayana foi minha primeira namoradinha. E ela era tão complicada, tão geniosa, que, mesmo sem querer, acabou sendo a grande responsável por minha aproximação de tia Rafaela. A cada briga com Rayana, lá estava eu desabafando com a professora de educação física.

Um dia terminamos de vez. Fiquei esperando a aula acabar para correr e chorar no colo da tia Rafaela, que me consolou com carinho e cafuné.